



Investigador da Universidade do Minho criou um dispositivo com a missão de guiar e regular a regeneração de tecidos e órgãos humanos de uma forma autónoma. São reservatórios



João Mano. Ganhou 2,5 milhões e vai gastar tudo a regenerar tecidos humanos

Investigador do Minho ganhou a bolsa mais prestigiada na Europa para aplicar no seu projecto

KÁTIA CATULO

katia.catulo@ionline.pt

João F. Mano não ganhou na lotaria, mas é um homem milionário. Acabou de receber 2,5 milhões de euros com a condição de não gastar tudo de uma assentada. A fortuna terá de ser gerida ao longo dos próximos cinco anos e sem margem para desperdícios. O investimento será totalmente canalizado para o seu "Atlas", um projecto de bioengenharia que poderá trazer novas perspectivas sobre regeneração de tecidos humanos capazes de simular doenças em laboratório, testar novos fármacos e até vir a substituir os ensaios com animais ou os testes clínicos.

Mas está na altura de saber quem é o

mais recente milionário português. João F. Mano é professor do Departamento de Engenharia de Polímeros da Escola de Engenharia da Universidade do Minho e ganhou nada menos que uma bolsa para investigador avançado do European Research Council (ERC - Conselho Europeu de Investigação). Para o comum dos mortais, isso pouco diz, mas para a comunidade científica nacional e internacional significa que o investigador português ganhou a bolsa mais prestigiada na Europa.

As bolsas do ERC são individuais e baseadas unicamente na excelência científica do investigador. Ou seja, para ter qualquer hipótese, o candidato têm de ter um currículo invejável e estar entre os melhores cientistas a trabalhar na

Europa. Quem cumprir esse requisito tem meio caminho feito. A outra metade do percurso terá de ser completada com o projecto em que está a trabalhar. E aqui entram algumas variáveis como o grau de risco, uma abordagem inovadora ou o plano de trabalho.

João F. Mano já é um destes cromos reconhecidos entre os cromos da ciência, sobretudo nas áreas de novos conceitos para aplicações biomédicas. Agora ficou ainda mais conhecido com o seu projecto vencedor. O trabalho está centrado na área da engenharia de tecidos humanos e biomateriais avançados. Descodificando este palavrado, significa que o investigador da Universidade do Minho é capaz de criar dispositivos "vivos" que, apesar de pequenos, compartimentam uma série de ingredientes, incluindo diferentes tipos de células, com habilidade suficiente para promover a formação de novo tecido funcional.

São uma espécie de reservatórios que, uma vez fabricados em laboratório, poderão vir a ser introduzidos e fixados em partes estratégicas do nosso corpo. São dispositivos em miniatura que têm como missão guiar e regular a regeneração de tecidos e órgãos humanos de uma forma autónoma. Para além das aplicações *in vivo*, prevê-se que estes dispositivos inovadores possam também servir como modelos de doenças, a fim de testar novos fármacos e terapias, podendo assim ser vistos como alternativa aos ensaios com animais ou aos testes clínicos.